

7. O PAPEL DO INSTITUTO CONFÚCIO NO ENSINO DO MANDARIM: Brasil e Macau em cena

*Bárbara Malveira Orfanò
Cheng Jin*

Introdução

Surpreendentemente, há uma escassez de informação sobre o ensino e a aprendizagem do mandarim como uma língua estrangeira, com a maior parte da literatura relatando experiências dos Estados Unidos e Europa. As razões para isso circunscrevem as áreas da história, política e economia. No entanto, o rápido crescimento econômico da China está mudando todo esse cenário e estamos testemunhando um aumento expressivo no número de cursos de mandarim em todo o mundo. A esse respeito, deve-se mencionar o papel dos Institutos Confúcio (doravante, ICs), que desde 2004 se esforçam para incluir o idioma chinês no mercado educacional.

Em 16 anos, o escopo dos ICs passou por mudanças significativas, sem perder de vista as últimas tendências presentes na nossa sociedade. O fenômeno da internacionalização da educação, a importância do multilinguismo e multiculturalismo e a integração contínua de novas tecnologias e aprendizagem móvel

no ensino de línguas estrangeiras estão incluídos nas agendas dos ICs. Ainda assim, a China permanece conectada com sua rica e fascinante herança cultural e atraindo muitos estudantes.

É nesse contexto que este capítulo discute o ensino do chinês como uma língua estrangeira, a internacionalização da educação e a posição adotada pela sede do Instituto Confúcio na reformulação da maneira como o chinês é ensinado no mundo inteiro. Para ilustrar, o texto traz exemplos de dois cenários distintos: um do Brasil e outro de Macau. Embora geograficamente separadas, ambas as regiões estão unidas pela língua portuguesa, que é, por si só, a melhor razão para dedicar uma atenção especial a elas. O objetivo principal é fazer uma visão geral do passado, documentar o presente e trazer ideias, contribuindo assim para o futuro.

O ensino do mandarim como língua estrangeira

O ensino de chinês como língua estrangeira (daqui em diante, CFL – sigla em inglês para o termo) está passando por uma mudança significativa e essa mudança está intimamente relacionada com o crescimento econômico sem precedentes da China. Este capítulo abordará as principais características do ensino de chinês na atualidade, que de acordo com Zhao e Huang (2010, p. 127) continua inexplorado pela comunidade acadêmica e, sem dúvida, surge no mercado educacional.

Devido à posição de liderança econômica dos Estados Unidos da América e do Reino Unido, é consenso que qualquer cidadão do mundo saiba inglês. No entanto, uma vez que a China começou a figurar em uma posição eminente no cenário econômico mundial, é fundamental que alguém disposto a se destacar em sua carreira considere conhecer o idioma chinês para entender a cultura, a história e ter acesso aos cidadãos chineses.

De acordo com Zhao e Huang (2010, p. 128), há um grande número de dialetos falados na China. O cantonês seria o mais

comum no exterior e, apesar de ser falado de maneira diferente, quando caracteres chineses são usados eles compartilham um sistema de escrita semelhante. Em 1949, quando a República Popular da China foi estabelecida, uma forma do mandarim baseado no dialeto de Pequim conhecido como *Putonghua* (o idioma comum) foi declarado como o idioma oficial do país. O mandarim é aprendido por todos os chineses na escola e, como apontado por Crystal (2003), é o idioma mais falado pelo maior número de pessoas no mundo. Certamente, esse número impressionante associado a outros fatores incentivou muitos estudantes no mundo todo a aceitar o desafio de aprender chinês. Ao longo dos anos, esses alunos enfrentam diferentes cenários em relação ao CFL, e essas perspectivas serão apresentadas na próxima seção.

O primeiro curso CFL na China foi estabelecido pela primeira vez em 1951. Esse curso foi desenvolvido para atender à diplomacia estrangeira da China. A Universidade de Tsinghua foi a responsável por preparar os cursos de chinês para estudantes em intercâmbio vindos da Polônia e da antiga Tchecoslováquia.

Um ano depois, a China começou a preparar e enviar professores para lecionar na Bulgária e Coreia do Norte. Essas iniciativas levaram à publicação do primeiro artigo acadêmico sobre o ensino de CFL: “Algumas questões sobre o ensino de chinês para estudantes não chineses” em 1952 e o livro didático: *Chinese Teaching Textbook* (Livro didático do ensino do chinês, em tradução livre), usado como principal material didático para estudantes na antiga União Soviética publicado pela Universidade de Pequim. Essas iniciativas foram combinadas com o lançamento posterior de um programa de aprendizado por rádio (China International Radio Broadcasting), que consiste em palestras sobre chinês em japonês para o público no Japão.

No início dos anos de 1970, a Universidade de Pequim era a única instituição educacional especializada no ensino de chinês para estudantes estrangeiros. Eles iniciaram um curso de verão

de curta duração, focado no idioma chinês para um grupo de 28 estudantes franceses. As atividades propostas nesses cursos contribuíram para a publicação de materiais que eram importantes meios de instrução para estudantes internacionais e a organização da primeira conferência de ensino do CFL em Pequim.¹ Depois disso, o ministro da Educação introduziu o curso de CFL em quatro universidades chinesas: Beijing Languages University, Beijing Foreign Languages University, Shanghai Foreign Languages University e Huazhong Teachers University.

Esse relevante grupo de universidades pode ter aberto o caminho para a criação do Escritório Internacional para Ensino da Língua Chinesa como Língua Estrangeira, conhecido como Hanban, que será explorado na próxima seção.

Institutos Confúcio

Como a economia e as trocas da China com o mundo tiveram um rápido crescimento, houve um grande aumento nas demandas mundiais por aprendizado em chinês. Beneficiando-se da experiência do Reino Unido, França, Alemanha e Espanha na promoção de seus idiomas nacionais, a China iniciou sua própria exploração através do estabelecimento de instituições que visam promover a língua e a cultura chinesas em países estrangeiros.

O Escritório Internacional para Ensino da Língua Chinesa como Língua Estrangeira, conhecido como Hanban, é uma organização sem fins lucrativos que possui o status independente de empresa. O escritório possui a propriedade do nome, logotipo e marca dos Institutos Confúcio, sendo o órgão regulador que fornece diretrizes para os institutos em todo o mundo.

O Instituto Confúcio foi inaugurado após o nome de um grande filósofo chinês. Confúcio foi um educador, figura política, pensador e fundador do confucionismo na China. Segundo ele,

¹ Esta conferência internacional acontece anualmente em Pequim.

diferentes países, nações e pessoas devem se dar bem em paz, buscando um terreno comum, apesar das diferenças. Baseando-se na ideologia confucionista, os ICs se dedicam em satisfazer as demandas de pessoas de diferentes países e regiões no mundo que aprendem o idioma chinês. Além disso, os objetivos incluem melhorar o entendimento da língua e da cultura chinesas por esses povos, fortalecer o intercâmbio educacional, estabelecer cooperações entre a China e outros países, aprofundar relações de amizade com outras nações e promover o desenvolvimento do multiculturalismo.

O primeiro Instituto Confúcio do mundo foi fundado em Seul, em novembro de 2004. Desde então, o IC viu uma expansão sustentada e se tornou uma plataforma para o ensino do chinês e popularização da cultura chinesa. Até o final de 2019, foram estabelecidos 545 Institutos Confúcio e 1.170 salas de aula Confúcio em 162 países (regiões), como pode ser visto na Tabela 1. As salas de aula Confúcio (CCs, na sigla em inglês) foram originalmente direcionadas para escolas primárias e de ensino médio. Existem principalmente dois tipos de CCs, um afiliado ao IC e outro independente.

Tabela 1 - Distribuição dos Institutos Confúcio (IC) e salas de aula Confúcio (CC)²

	País (região)	IC	CC
Ásia	39	135	115
África	46	61	48
Europa	43	187	346
América	27	142	560
Oceania	7	20	101
	162	545	1.170

Fonte: CONFUCIUS INSTITUTE/CLASSROOM, 2019.

² Existem três salas de aula Confúcio no Brasil: Sala de Aula Confúcio na Universidade Federal Fluminense, Centro Cultural Asiático de São Paulo, Centro de Cultura e Língua Chinesa Chinbra.

De acordo com as estatísticas do Relatório Anual de Desenvolvimento do Instituto Confúcio de 2018, o IC registrou um total de 1.860.000 estudantes e envolveu mais de 13 milhões de pessoas participando de várias atividades culturais (CONFUCIUS INSTITUTE HEADQUARTERS, 2018). Não é apenas um lugar para aprender a língua chinesa, mas também um fórum de intercâmbio que permite ao mundo entender a cultura e melhorar a integração de culturas diferentes.

A maioria dos ICs foi estabelecida através da cooperação de parceiros chineses e estrangeiros. Os modos de operação dos Institutos Confúcio podem ser organizados como cooperação entre: a) instituições de ensino superior; b) escolas primárias/secundárias; c) associações de instituições de ensino superior ou empresas multinacionais; d) instituições de ensino superior e governo; e) o Instituto Confúcio e instituições estrangeiras (CHANG, 2015, p. 27). Entre eles, a cooperação entre instituições de ensino superior ocupa a maioria.

Um IC envolve três organizações, o Hanban, a universidade anfitriã e a universidade parceira chinesa. Juntas, as três partes envolvidas são responsáveis por: a) fornecer suporte organizacional, integrando o IC ao plano geral de desenvolvimento da universidade; b) fornecer suporte institucional, formular planos, políticas e regulamento de gerenciamento, administração, supervisão e avaliação do IC; c) fornecer recursos humanos, que incluem o grupo de gestão do IC, professores e voluntários chineses, além de professores e estudantes de programas de intercâmbio acadêmico. Esse esforço conjunto é responsável por criar uma rede acadêmica colaborativa entre universidades chinesas e locais.

Instituto Confúcio no Brasil

A China e o Brasil são economias emergentes importantes e possuem uma ampla parceria estratégica. O desenvolvimento estável do relacionamento sino-brasileiro foi marcado por uma cooperação frutífera nos últimos 45 anos. O Brasil e a China pertencem ao bloco de países em desenvolvimento e são membros do BRICS. Embora haja trocas econômicas e comerciais entre os dois países, as trocas culturais foram limitadas, confirmando a existência de barreiras culturais e linguísticas. Um dos lados não possui uma cooperação sincera, ativa e intensa da sociedade e da cultura do outro lado, o que, segundo Ma e Guo (2014, p. 50), é uma característica comum da China e de seus parceiros, especialmente na América do Sul.

A promoção de trocas econômicas e comerciais com a China tornou-se um interesse em comum para muitos países, e o Brasil desempenha um papel significativo nesse cenário. A atividade econômica intensa entre os dois países é o mais básico e o principal impulso para a criação e o desenvolvimento do Instituto Confúcio no Brasil. O primeiro IC no Brasil foi estabelecido em 2008 na Universidade Estadual de São Paulo. Atualmente, existem 11 ICs no Brasil, número esse que supera o de outros países na América do Sul. A Tabela 2 traz a lista de ICs no Brasil.

Tabela 2 - Institutos Confúcio no Brasil

	Nome	Cidade	Ano de Fundação
1	Instituto Confúcio na Universidade Estadual de São Paulo	São Paulo	2008
2	Instituto Confúcio na Universidade de Brasília	Brasília	2010
3	Instituto Confúcio na PUC-Rio	Rio de Janeiro	2011
4	Instituto Confúcio na Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	2011

(Continua)

(Continuação)

	Nome	Cidade	Ano de Fundação
5	Instituto Confúcio de Negócios na FAAP	São Paulo	2012
6	Instituto Confúcio na Universidade Federal de Minas Gerais	Belo Horizonte	2013
7	Instituto Confúcio na Universidade de Pernambuco	Recife	2013
8	Instituto Confúcio na Universidade Estadual de Campinas	Campinas	2014
9	Instituto Confúcio na Universidade Estadual do Pará	Belém	2014
10	Instituto Confúcio na Universidade Federal do Ceará	Fortaleza	2014
12	Instituto Confúcio de Medicina Chinesa na Universidade Federal de Goiás	Goiânia	2019

Fonte: Elaboração das próprias autoras.

É importante afirmar que o ensino da língua chinesa no Brasil remonta a 1950. Os alunos eram majoritariamente descendentes de imigrantes chineses e o objetivo dos cursos ou aulas era ajudar os alunos a aprender sua língua materna e a se identificar com a raiz da sua cultura chinesa. Essas escolas eram operadas principalmente por grupos religiosos, indivíduos ou associações chinesas, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro (CHEN, 2015, p. 3).

No entanto, quase 70 anos depois, o ensino de chinês no Brasil passou por uma mudança substancial, com o Instituto Confúcio sendo uma referência importante. O IC no Brasil se desenvolveu de forma constante, cobrindo diferentes partes do país de Norte a Sul, com a expansão de seus locais de ensino e o aumento do número de alunos. A matrícula de todos os ICs no Brasil em 2019 atingiu mais de 9 mil³ estudantes. O desenvolvimento da China teve um grande impacto na motivação dos alunos em aprender

³ Dados coletados no 11º Instituto Confúcio no Brasil em 2019.

chinês. Em sua pesquisa sobre a motivação dos alunos brasileiros em aprender chinês, Yang (2017, p. 158) descobriu que mais do que 90% dos estudantes brasileiros optaram por aprender chinês porque estavam muito interessados na cultura e língua chinesas, enquanto 85% dos estudantes acham que aprender chinês pode promover sua perspectiva de carreira. A curiosidade deles em chinês e seus interesses na cultura chinesa os ajudaram a enfrentar o desafio de aprender a língua.

O formato geral dos ICs em todo o mundo abrange um conjunto de procedimentos que são seguidos por todos os envolvidos no programa. A promoção da língua e da cultura chinesas é o papel principal do Instituto Confúcio. Nesse sentido, os ICs oferecem aulas regulares de idiomas (do nível básico ao avançado) dentro de um componente cultural do currículo e funcionam como centros de exames que fornecem teste de proficiência, por exemplo, HSK⁴. Além disso, alguns institutos também oferecem cursos personalizados para grupos específicos, a maioria sendo empresas que fazem negócios com a China.

Outra característica importante dos ICs é seu componente de alcance. Vários ICs oferecem cursos para sua comunidade, estabelecendo parcerias importantes com escolas públicas de ensino fundamental e médio. Essa iniciativa oferece às crianças e adolescentes a oportunidade de ter aulas e participar de diferentes atividades culturais relacionadas à China. Atividades recreativas também são oferecidas, por exemplo, Tai Chi Chuan e Kung Fu.

Além do ensino regular, os institutos também organizam um conjunto de atividades culturais que pertencem ao seu calendário oficial. Feriados típicos como os Festivais de Primavera, Lanterna e Meio do Outono são celebrados para marcar os costumes e valores chineses. O concurso de proficiência linguística,

⁴ HSK significa Hanyu Shuiping Kaoshi. É um exame padronizado internacional que testa e classifica a proficiência no idioma chinês.

Chinese Bridge, avalia o nível de proficiência dos alunos nas quatro habilidades: escrita, leitura, audição e fala, juntamente com um show de talentos que avalia o conhecimento cultural dos alunos na China tradicional e contemporânea.

É importante ter em mente que os ICs brasileiros desempenham um papel importante no processo de internacionalização de suas universidades parceiras. O programa também prevê a possibilidade de financiamento para estudantes de intercâmbio, oferecendo bolsas de estudo, oficinas internacionais em universidades chinesas, financiamento para professores visitantes e colaboração em pesquisa que inclui doutores, financiamento para publicações, organização de eventos científicos e tradução de livros. Essa infinidade de atividades fortalece a cooperação educacional bilateral entre instituições de ensino superior, que também é um aspecto importante para o desenvolvimento do IC. Os intercâmbios acadêmicos entre universidades chinesas e locais promovem a internacionalização do ensino superior e aprofundam a cooperação internacional.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é um bom exemplo da expansão de IC no Brasil. O Instituto Confúcio – UFMG foi criado em 2013 e, desde a sua criação, vem avançando em diferentes áreas em relação à disseminação da língua e da cultura chinesas. De 50 registros em 2014 para 655 registros em 2019, a UFMG testemunhou o crescimento do interesse da sua comunidade em questões relacionadas à China de forma exponencial. A Figura 1 demonstra graficamente o aumento no número de estudantes.



Figura 1 - Número de alunos do IC-UFMG entre 2014 e 2019

Fonte: Elaboração das próprias autoras.

O número de candidatas ao exame HSK também demonstrou um aumento significativo ao longo desses anos, indicando que os estudantes estão levando a sério o aprendizado de chinês e o percebem como uma qualificação importante em sua carreira profissional e acadêmica. A Figura 2 abaixo ilustra esse fenômeno.

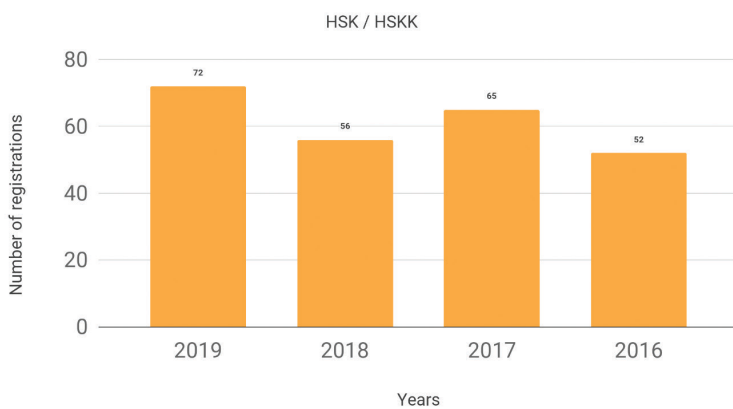


Figura 2 - Número de candidatas a HSK entre 2016 e 2019

Fonte: Elaboração das próprias autoras.

Os dados na Figura 2 ajudam a explicar o interesse em programas de mobilidade, considerando que os testes de proficiência são um pré-requisito para participar de todos os programas de intercâmbio disponíveis na sede do Instituto Confúcio. Até o presente momento, 31 estudantes da UFMG participaram de diferentes programas de intercâmbio na China. Da mesma forma, a UFMG recebeu dois estudantes chineses para a segunda edição do Summer School (Escola de Verão) e foi contemplada com bolsas de estudos para professores visitantes no âmbito do Programa de Estudos Chineses Confúcio.⁵

Além das atividades acadêmicas, a UFMG também oferece um número significativo de eventos culturais promovendo a participação de toda a comunidade. Somente em 2019, o instituto ofereceu 15 eventos diferentes com mais de 1.965 pessoas participando das atividades. O exemplo da UFMG reforça a afirmação de que o Instituto Confúcio no Brasil tem um papel significativo que vai além do ensino dos cursos de língua e cultura chinesas. De fato, o grupo de 11 institutos hospedados por universidades brasileiras está contribuindo para aprimorar o nosso conhecimento sobre a China, dando aos dois países a oportunidade de consolidar sua parceria em diferentes esferas.

Hanban tem uma mentalidade internacional. Isso significa que a sede incentiva a colaboração de diferentes ICs em diferentes partes do mundo que compartilham interesses comuns. Todos os anos, a sede organiza eventos regionais e globais, reunindo diretores chineses e locais que compartilham as atividades promovidas por seus ICs. Esse fórum promove a rede e garante que os diretores permaneçam em sintonia com os objetivos e

⁵ O Programa de Estudos Chineses Confúcio, criado pela sede do Instituto Confúcio, visa promover um profundo entendimento da China e da cultura chinesa entre as jovens gerações de todo o mundo, possibilitando o crescimento próspero dos estudos chineses, promovendo o desenvolvimento sustentável dos Institutos Confúcio e aprimorando o relacionamento amigável entre a China e as pessoas de outros países.

necessidades dos seus institutos. De acordo com essa orientação, alguns ICs foram estabelecidos para desempenhar funções específicas, como é o caso do Instituto Confúcio em Macau. Por esse motivo, apresentaremos algumas de suas características.

Instituto Confúcio em Macau

O Instituto Confúcio em Macau (doravante, IC-Macau) foi inaugurado em abril de 2018 e está situado na Faculdade de Artes e Humanidade da Universidade de Macau. Segundo o Hanban, seu principal objetivo é promover e facilitar a implementação de uma cultura bilíngue na região. Além disso, e igualmente importante, espera-se que o IC-Macau desempenhe um papel primordial na Iniciativa do Cinturão e Rota. Em 2015, a Comissão de Desenvolvimento e Reforma Nacional, o Ministério de Negócios Internacionais e o Ministério do Comércio lançaram juntos o plano de desenvolvimento e construção do Cinturão Econômico da Rota da Seda e da Rota da Seda Marítima. De acordo com uma declaração pública do Hanban, “Macau é um nó importante, tanto no que diz respeito à construção como à consolidação desta iniciativa”. Além disso, destaca-se o fato de Macau ser considerado um ponto de interseção, onde Leste e Oeste se reúnem, aproximando pessoas e sua cultura (CARVALHO, 2018).

Paralelamente a este lado econômico e político, o IC-Macau tem a responsabilidade de promover a proficiência linguística. Ele tem a importante missão de atuar como plataforma internacional para o ensino e a aprendizagem do chinês como língua estrangeira, principalmente em países onde o português é a língua oficial. Espera-se que o IC-Macau seja responsável por projetar materiais de ensino e cursos de formação de professores, oferecendo orientação para professores chineses e professores locais que trabalham nos países de língua portuguesa. É justo dizer que desde a sua inauguração o IC-Macau está comprometido com

esta missão. Em 2018, ele organizou uma conferência reunindo os diretores do Instituto Confúcio para discutir estratégias e desafios sobre como desenvolver talentos bilíngues (chinês-português) nos países de língua portuguesa. A conferência foi coorganizada pelo Secretariado Permanente do Fórum de Cooperação Econômica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau). Novamente em 2019, o IC-Macau organizou um fórum sobre desenvolvimento e colaboração entre os Institutos Confúcio nos países de língua portuguesa. Estes dois eventos indicam que o IC-Macau está empenhado e atento ao seu papel como uma importante fonte de informação e disseminação da língua chinesa e da educação cultural para o mundo lusófono.

Macau tem uma situação única, já que o chinês é o idioma oficial e uma parte considerável de sua população é fluente no idioma, sendo portanto mais fácil para o IC-Macau expandir o escopo de suas atividades. Por esse motivo, Terry Flew e Falk Hartig (2014) acreditam que o IC-Macau deve se concentrar em questões diplomáticas, focando no relacionamento existente entre Macau, países de língua portuguesa e sua conexão histórica com a Europa. Kurlantzick (2007) já observou o papel que as universidades desempenham na diplomacia internacional, um bom exemplo disso são os programas de mobilidade que envolvem estudantes de intercâmbio de diferentes partes do mundo. A parceria entre universidades anfitriãs e ICs tem o potencial de expandir contatos acadêmicos, criando e consolidando vínculos de pesquisa entre instituições.

Sendo Macau um destino popular, o IC alcançará estudantes de diferentes nacionalidades e origens culturais que terão a oportunidade de interagir usando o chinês como idioma internacional. Aumentar o número de falantes de chinês em todo o mundo é um dos objetivos mais importantes da sede Confúcio. O objetivo máximo em longo prazo é dar ao idioma chinês o status

de língua franca, nessa perspectiva a China está investindo em uma política de ensino de idiomas que contemple falantes de diferentes origens linguísticas.

Desde 2018, assistimos a um crescimento constante na IC-Macau. De acordo com o professor Chen Zhong,⁶ o instituto está expandindo o escopo de suas atividades de maneira positiva. Em 2018, o IC-Macau teve dois cursos (elementar e intermediário) e um total de 45 alunos. Em 2019, um ano depois, começou a oferecer três cursos (elementar, intermediário I e intermediário II e avançado), registrando um número de 171 alunos, um aumento significativo em apenas um ano. Também investiu em eventos e atividades culturais, promovendo oito eventos oficiais em 2018, incluindo seminários e atividades culturais, e em 2019 este número foi o dobro, com 16 atividades no total. Além disso, a Universidade de Macau organizou dois fóruns com ICs de língua portuguesa para criar, expandir e aprimorar a parceria entre os institutos. Como se pode ver, o IC-Macau está totalmente comprometido com seu objetivo, servindo como uma ponte para conectar falantes de diferentes partes do mundo, promovendo a língua e a cultura chinesas.

Desafios para o ensino do mandarim nos dois contextos

Apesar de ser um empreendimento empolgante, essa iniciativa enfrenta muitas dificuldades que precisam ser consideradas para garantir a permanência da língua chinesa no mercado internacional de línguas. Do ponto de vista do ensino, os ICs dependem muito dos professores enviados de Hanban para atender às demandas imediatas de seus cursos. Esta situação é

⁶ Gostaríamos de agradecer ao professor Chen Zhong, do Departamento de Língua e Literatura Chinesa da Universidade de Macau, por colaborar com este capítulo, fornecendo informações sobre as atividades realizadas no Instituto Confúcio – Macau.

problemática. Geralmente, na maioria dos ICs, a rotatividade de professores chineses é de dois anos e a de voluntários é de apenas um ano. Como resultado, a taxa de rotatividade de professores é consideravelmente alta e a equipe de professores carece de estabilidade e sustentabilidade, duas características essenciais para a qualidade do ensino. Portanto, professores experientes estão em falta. Além disso, a maioria dos professores não é fluente em português, o que os obriga a recorrer ao inglês como idioma de instrução, criando, assim, dois problemas. Primeiro, os alunos sem proficiência em inglês enfrentam dificuldades para frequentar as aulas e, segundo, o uso inadequado de um segundo idioma como meio de instrução pode reduzir a eficiência do ensino. A tecnologia da informação pode ajudar a minimizar a escassez de professores locais. As aulas on-line são uma das opções; portanto, devem ser feitos esforços para desenvolver ferramentas eficientes para as aulas de ensino aberto e a distância da China.

Outra questão importante é a disponibilidade de materiais. Os materiais de ensino têm grande influência no aprendizado de línguas estrangeiras, afetando não apenas os alunos, mas também os professores e a dinâmica da sala de aula. Quando se trata de seleção de livros didáticos de chinês para o português, não há muitas opções, pois poucos têm a versão em português. Mais uma vez, muitos livros didáticos de chinês têm a versão em inglês, o que significa que a apresentação de vocabulário e gramática é explicada ou traduzida em inglês. Isso não é fácil para os alunos de português, pois alguns deles não entendem inglês, o que certamente afeta sua percepção e aprendizado do chinês. Portanto, há uma necessidade urgente de desenvolver livros didáticos pedagogicamente e metodologicamente adequados, levando em consideração as línguas lusófonas e a contextualização cultural. Existem também poucas publicações documentando as contribuições dos ICs para o aprendizado e o ensino do chinês, principalmente no que diz respeito aos falantes de português.

Além disso, em comparação com outras regiões, não há pesquisas aprofundadas suficientes sobre a educação chinesa, portanto, mais pesquisas devem ser feitas, com esforço conjunto de todos os Institutos Confúcio no Brasil e Macau.

Numa perspectiva mais ampla, um aspecto a considerar é o número de universidades que oferecem o chinês como língua estrangeira em seus currículos. Mesmo assim, estamos testemunhando um aumento no número de cursos, eles estão concentrados nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália. Para minimizar esse problema, a sede do Instituto Confúcio incentiva os ICs a oferecerem cursos de crédito nas universidades anfitriãs, no entanto, alguns países têm dificuldades devido ao desenho rígido do currículo institucional e também à legislação de seu país. Isso pode ser uma consequência do número limitado de graus de língua chinesa nas universidades. Esse fato também contribui para a escassez de professores chineses em todo o mundo. No Brasil, por exemplo, existe apenas uma universidade pública (Universidade de São Paulo) que oferece graduação em ensino e língua chinesa. Isso tem implicações diretas no ensino de idiomas, no material didático e na produção de conhecimento.

O que o futuro reserva para os dois cenários?

A agenda do chinês como língua estrangeira é vasta e desafiadora. Incorpora e/ou combina questões socioculturais, econômicas, políticas e de ensino. Parece que o futuro reunirá um conjunto de iniciativas que contarão com o apoio do governo chinês. O ministro adjunto de Educação, Xuejun Tian, que participou do Congresso sobre o Ensino do Idioma Chinês promovido pelo Hanban em 2019,⁷ claramente afirmou que a prioridade é promover o idioma chinês no exterior, levando em consideração

⁷ International Chinese Language Education Conference, realizada em Changsha/China, 2019.

uma nova mentalidade internacional e os avanços da tecnologia. Isso exigirá mudanças significativas. Para citar e considerar alguns tópicos, os educadores terão que reconsiderar a qualidade dos recursos pedagógicos, levando em conta uma audiência global que inclui estudantes de diferentes idiomas e origens culturais. Nesse campo, os investimentos na incorporação de tecnologia nas práticas de ensino precisam ser considerados uma das prioridades. Esses desafios dependem de uma questão mais complexa, que é o investimento na criação de diplomas no idioma chinês em todo o mundo. Criando uma comunidade acadêmica sólida que atua na formação de professores, a pesquisa na área de material de ensino e referência minimizará, em longo prazo, a escassez de professores chineses locais que a comunidade CFL enfrenta no momento presente. Isso, por sua vez, também diminuirá o status do inglês como o meio de instrução do mandarim.

Mais especificamente, o Brasil está colhendo os frutos, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Os ICs precisam fortalecer e consolidar suas iniciativas, estabelecendo parcerias com órgãos governamentais e empresariais. É importante promover eventos que demonstrem a importância de aprender chinês no mundo contemporâneo. O país terá que enfrentar e superar uma questão histórica: melhorar as perspectivas de carreira no ensino. Como atrair profissionais de idiomas para a carreira docente? A maioria dos estudantes que se formam no idioma chinês no Brasil escolhe o mercado financeiro devido a melhores salários e condições de trabalho.

Do outro lado da moeda, Macau tem a responsabilidade de interagir com ICs em nove países de quatro continentes, envolvendo um número total de 27 Institutos Confúcio. Eles compartilham uma linguagem comum, mas inevitavelmente têm certas características, interesses e prioridades diferentes que podem representar dificuldades para colaborações conjuntas. Macau já incluiu esses desafios na agenda e está criando maneiras de

lidar com essas questões, um bom exemplo são os dois fóruns organizados por eles desde a sua criação em 2018.

Observações finais

Em poucas palavras, este capítulo descreveu a história subjacente ao ensino do CFL ao longo dos anos até o lançamento do projeto Instituto Confúcio. Pesquisamos iniciativas em dois ICs importantes: um na Universidade Federal de Minas Gerais no Brasil e outro em Macau. Os dados de ambos os cenários demonstram o papel positivo que o Instituto Confúcio desempenha no ensino de chinês. Um aumento significativo no número de estudantes e um amplo espectro de atividades culturais são certamente responsáveis pela expansão dos estudantes chineses nas duas regiões. Além disso, observou-se que professores chineses nativos e professores locais estão reformulando a maneira como o chinês é ensinado, no entanto, existem poucas publicações documentando as contribuições dessa iniciativa, especialmente no ensino. A parte preocupante é que podemos estar perdendo a oportunidade de incorporar e disseminar técnicas de ensino contemporâneas e criar um banco de dados que possa ser usado para referência futura. Outra preocupação é o número limitado de cursos de chinês, o que tem implicações importantes para a melhoria do ensino do chinês como língua estrangeira.

Da proibição ao imenso encorajamento, o CFL passou por importantes mudanças que estão entrelaçadas com o crescimento econômico da China e se abrem para o mundo. Os 11 ICs no Brasil e o de Macau precisam lidar com muitos desafios que podem durar algum tempo; no entanto, o que seguirá constantemente todos nós envolvidos de alguma forma no ensino da língua chinesa é que a China, especialmente a atual China, é importante demais para não ter sua língua e cultura conhecidas e compreendidas no século XXI.

Referências

CARVALHO, M. Confúcio em Macau com os olhos no mundo. *Revista Macau*, 2 maio 2018. Disponível em: <https://www.revistamacau.com/2018/05/02/confucio-em-macau-com-os-olhos-no-mundo/>. Acesso em: 10 fev. 2019

CHANG, H. A Review and Prospect of the Development of Chinese International Education: A Case Study of Confucius Institute. *Higher Education Development and Evaluation*, v. 31, n. 1, p. 23-31, 2015.

CHEN, W. An Analysis of the Status Quo of Chinese Education in Brazil. *TCSOL Studies*, n. 2, p. 1-11, 2015.

CONFUCIUS INSTITUTE/CLASSROOM. [Confucius Institutes/Classrooms around the World]. 2019. Disponível em: http://english.hanban.org/node_10971.htm. Acesso em: 25 out. 2020.

CONFUCIUS INSTITUTE HEADQUARTERS/HANBAN. *Confucius Institute Annual Development Report of 2018*. 2018. Disponível em: <http://www.hanban.org/report/2018.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: CUP, 2003.

FLEW, T.; HARTIG, F. Confucius Institutes and the Network Communication Approach to Public Diplomacy. *IAFOR Journal of Asian Studies*, v. 1, n. 1, p. 27-44, 2014.

KURLANTZICK, J. *Charm Offensive: How China's Soft Power Is Transforming the World*. [New Haven, CT]: Yale University Press, 2007.

MA, H.; GUO, C. Chinese Soft Power in Latin America: The Chinese Language Communication Perspective. *Journal of Latin America Studies*, v. 36, n. 6, p. 48-54, 2014.

ZHAO, H.; HUANG, J. China's Policy of Chinese as a Foreign Language and the Use of Overseas Confucius Institutes. *Educational Research for Policy and Practice*, v. 9, n. 2, p. 127-142, 2010.

YANG, X. A Study of Chinese Learning Motivation of Foreign Students: The Case of Brazilian Learners. *Journal of Wuhan University of Technology (Social Science Edition)*, v. 30, n. 2, p. 156-160, 2017.